

ESCOLA PÚBLICA, UM ORGULHO.

O secretário de Educação garante que fará as crianças retornarem à rede oficial. Para isso, conta com extensas verbas e com o apoio de Fleury.

SILVIO BRESSAN

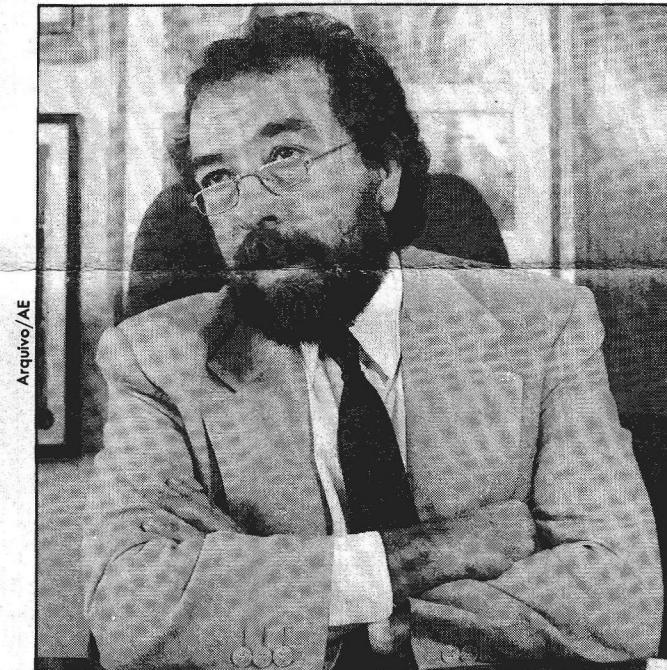
O secretário de Educação Fernando Moraes pilota a maior máquina administrativa do Estado. A secretaria, com orçamento de US\$ 1,5 bilhão e 265.576 funcionários, é a "menina dos olhos" do governador Luiz Antônio Fleury Filho. Moraes afirma que quer "consertar a educação" e que a candidatura à Prefeitura não está nos seus planos. "Sou candidato a fazer com que as crianças voltem à escola pública até 15 de março de 1995", ele diz.

Em dois anos, o governo federal planeja construir mais de 600 Centros Integrados de Assistência à Criança (Ciacs) no Estado a um custo de US\$ 1 milhão cada; o Banco Mundial está fechando um empréstimo de mais US\$ 245 milhões para o ensino de 1º grau na região metropolitana da Capital; e o governo estadual poupou a Educação dos cortes aplicados às outras pastas, liberando US\$ 100 milhões para reformas na rede escolar.

JT: Pelo jeito, o que não falta à sua secretaria é dinheiro.

Moraes: O projeto do Banco Mundial é de US\$ 600 milhões. Se o Banco Central der seu aval, a partir do final de junho teremos US\$ 245 milhões para o ensino de 1º grau da região metropolitana. Até novembro instalaremos uma ou duas fábricas de moldes de Ciacs e em dezembro, segundo o presidente Collor, a primeira unidade de São Paulo. Imagino que em 20 ou 24 meses haverá 600 unidades funcionando no Estado.

Com essa verba é possível rea-



Moraes diz que não ambiciona a Prefeitura paulistana e que seu objetivo é consertar a educação. Aumento para professores, só com ICMS maior.

lizar alguns avanços imediatos?

Vamos trabalhar em três frentes: reforma do ensino (estudada pelo Núcleo de Gestão Estratégica), projeto dos Ciacs e projeto do Banco Mundial. Este prevê ciclo básico de jornada única nas duas séries de 1º grau em toda a região metropolitana e construção de 4.700 salas de aula; atendimento ao pré-escolar de baixa renda; unidades escolares articuladas com unidades básicas de saúde; avaliação e gerenciamento do projeto e do sistema educacional.

Se existe tanto dinheiro para a educação, os professores devem estar se perguntando por que ganham pouco.

Se você dividir o empréstimo

do Bird pela rede vai dar US\$ 10 (Cr\$ 3 mil) de aumento para cada um, num único mês. Reconheço que há professores ganhando mal, mas não são todos, nem numerosos. Os professores P1 (piso) para 20 horas de trabalho semanal ganham hoje Cr\$ 45.124,00. Este é o número cabalístico que está nas placas da Apoesp. Sabe quantos ganham isso? Apenas 15 professores. Este governo ofereceu em 60 dias dois aumentos superiores à taxa de inflação: 7,5% contra 11% e 8,5% contra 20,07% para os professores, enquanto o grosso recebeu 9% de aumento.

Mas ainda parece pouco.

Sei que não resolve. O governo estadual perdeu, em quatro

meses, US\$ 1,5 bilhão em quebra de receita do ICMS. Isso explica por que o funcionalismo ficou de novembro a março sem aumento.

O salário baixo seria o único problema dos professores?

Não. O núcleo está estudando mudanças no plano de carreira e no estatuto do magistério. Temos que remunerar melhor quem tem maior empenho.

Como aperfeiçoar esses professores?

Uma idéia é aproveitar o dinheiro das assinaturas do **Diário Oficial**. Cada escola recebe duas a um custo anual de Cr\$ 80 mil. O total arrecadado — US\$ 1,7 milhão por ano — seria o suficiente para colocar TVs e vídeos em todas as escolas e alugar um canal de satélite brasileiro por algumas horas.

Educação é sobretudo uma questão de vontade política. E essa vontade é indiscutível no governo Fleury.

Com todas as condições que o governo lhe dá, também é possível pensar na Prefeitura no próximo ano.

Não tenho esse plano. Nunca troquei uma sílaba com Quêrcia ou Fleury sobre isso. Se fosse o caso, teria pedido para Fleury me deixar na Cultura: lá só tem solução, não tem problema. Meu apetite político é modesto. Nem me sobra tempo para fazer política. Sou candidato a fazer com que as crianças voltem à escola pública até 15 de março de 1995. Isso pode parecer um projeto ambicioso. Na verdade, é. Se não consertar a Educação, o País não terá alternativa.